



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**NEM TUDO SÃO FLORES**

**JESSICA QUEIROGA MAGLIANO**

**JOÃO PESSOA - PB  
2016**

JESSICA QUEIROGA MAGLIANO

**NEM TUDO SÃO FLORES**  
RELATÓRIO DO CURTA METRAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. M<sup>c</sup> Arthur Lins

JOÃO PESSOA – PB  
2016

JESSICA QUEIROGA MAGLIANO

**NEM TUDO SÃO FLORES**

APROVADA em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof<sup>o</sup>. Ms. Arthur Lins(Orientador)

---

Profa<sup>o</sup>. Dr . Glória Rabay

---

Prof<sup>o</sup> Ms. Junior Pinheiro

Dedico este trabalho à minha amada mãe, que não só tornou esse filme possível, mas me colocou nesse caminho onde seu ventre foi minha primeira morada e contato com o feminino. Ao meu amado pai por não medir esforços para me ajudar e estar ao meu lado. Vocês são dádivas, ouro de mina.

## AGRADECIMENTOS

Às minhas avós Risêlda e Isaura

À meu irmão, Raphael que por ter tamanha inteligência sempre me foi inspirador e desafiador.

À minha irmã, Giovanna que você possa viver, como mulher, em um mundo mais livre.

À minha madrinha, segunda mãe, Maria, sou grata por sua presença que transborda amor na minha vida. Nunca haverá palavra para descrever a gratidão que sinto.

À Maria Betânia, por ter me permitido entrar na sua vida e realizar esse filme.

Ao meu orientador, Arthur Lins, que dispôs da orientação que eu precisava e por toda compreensão com meu formato de produção.

À Morgana Freire, que despertou em mim a vontade de ajudar toda e qualquer mulher oprimida. A bruxa encantadora, que me levou a reflexão da urgência de discutir esse tema, e da necessidade de difusão de um conteúdo que lutasse contra essa violência de gênero.

À Abraão Bahia, um ícone de subversão criativa, que sempre me serviu de inspiração e ocupou um segmento importante na minha formação (extra) acadêmica desde o início. Sou grata acima de tudo pelo tempo e paciência disponibilizados para me ajudar. Uma salve especial, com toda admiração.

À Milena Medeiros, que aceitou trabalhar e emprestar seu equipamento. Sou grata pelo tempo disponibilizado, pela confiança, pela amizade que surgiu, e todo o apoio psicológico que se deu durante o processo.

À Matteo Ciacchi, agradeço por ter aceitado tão de última hora me ajudar e ter se mostrado extremamente disposto durante. Obrigada.

À Iuri Assunção, um ser mágico, por ter surgido na minha vida com seus lindos dotes acadêmicos.

À Lucas Cavalcanti a gratidão é eterna por disponibilizar seu tempo, espaço e atenção em tão curto prazo.

À Bruno Alves, por ceder seu gravador à uma desconhecida e à Renato Silva que disponibilizou um microfone e seu tempo para me ajudar com o Adobe Premiere.

À Krysna Nóbrega, por aceitar meu convite e participar desse projeto produzindo uma arte tão linda e forte.

À Gian Orsini, não só pela amizade mas pelas opiniões sinceras e pelo tempo disponibilizado através do Skype que foram de grande ajuda durante meu processo.

À Luana Lucena que através de sua amizade pude prestar maior atenção nas questões de gênero e perceber sua importância, gratidão por fazer parte disso.

Ao grupo Suave Coisa Nenhuma, por ter me permitido utilizar um segmento de sua arte no curta.

Aos meus amigos e amores, que foram extraordinários, e que indiretamente ou diretamente foram fundamentais: Beto Pessoa, Bruno Henrique (Buíque), Andrea Lacerda, Bem Lucas, Eduarda Cristina, Felipe Marrocos, Lara Bittecourt, Leandro Figueiredo, Lorena Gil, Jéssica Côrtes, Juliana Pereira, Magno Palmeira, Marília Luna, Maria Joana, Natália Caminha, Nathalia Van Reemen, Renato Méro, Tatiana Fausto.

Cada um desses citados acima, mereciam páginas de agradecimentos. Ainda assim, talvez não fosse suficiente para descrever toda a minha gratidão. À todos que cruzaram meu caminho nessa jornada, especialmente os que tiveram paciência comigo. Gratidão.

*“Eu-Mulher  
Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.  
Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo  
Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo.”*

(Maria Conceição Evaristo, *Eu mulher*)

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO .....	10
3. A PERSONAGEM E O PAPEL DA PERFORMANCE .....	11
4. ROTEIRO E ESTÉTICA .....	12
5. GRAVAÇÕES.....	14
6. MONTAGEM.....	15
7. ARTE CONCEITUAL .....	16
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
9. REFERÊNCIAS.....	18

## INTRODUÇÃO

“Nem tudo são flores” é um curta metragem do gênero documentário produzido como parte do Trabalho de Conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Acima de tudo “Nem tudo são flores” é uma expressão que se refere à sororidade<sup>1</sup> que pretende alavancar uma reflexão sobre a contínua violência exercida sobre as mulheres objetivando uni-las para superar o contexto de violência.

O discurso masculino durante séculos apresentou a mulher como inferior ao homem, embasado nas diferenças biológicas para se organizar. Em notas sobre estudos feministas no Brasil, Cecília Santos e Wânia Izumino (2005, p.1) destacam que:

“A literatura sobre violência contra as mulheres tem suas origens no início dos anos 80, constituindo uma das principais áreas temáticas dos estudos feministas no Brasil. (...). Nessa época, um dos principais objetivos do movimento é dar visibilidade à violência contra as mulheres e combatê-la mediante intervenções sociais, psicológicas e jurídicas.”

A protagonista do “Nem tudo são flores” é uma atriz paraibana, educadora, terapeuta holística. Maria Betânia Pimenta trabalha no Centro de Referência da Mulher teve contato com diversos relatos verídicos sobre situações de violência e, a partir disso, criou performances com personagens femininas. O curta retrata essas performances que visam conscientizar questões sobre a violência de gênero e empoderar mulheres que vivenciaram situações de violência. Três personagens foram escolhidas para serem retratadas no curta: Goreti, Olívia e Margarida.

Goreti é a personagem que está em constante situação de violência. Mesmo com a descoberta de um câncer de mama, a personagem continua em situação de violência com seu cônjuge (que exerce violência verbal e patrimonial sobre ela). Goreti é a única personagem que denuncia o marido e atinge a superação através do empoderamento<sup>2</sup>. No âmbito do feminino, empoderar significa reverter a subordinação feminina por meio do fortalecimento

---

<sup>1</sup> Segundo Alves (2014) em sua tese de doutorado “Saberes das mulheres veteranas na economia solidária: sororidade a outra educação” sororidade é o pacto entre mulheres que se reconhecem como próximas fisicamente e afetivamente.

<sup>2</sup> Conforme Cortez e Souza (2008, p. 1) o empoderamento implica no reconhecimento das restrições sociais a que a categoria está submetida e da necessidade de reversão dessa situação, por meio de mudanças em um contexto amplo/público e também em contextos mais específicos, ou individuais (aumento de auto-estima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico, etc).

da cidadania, dos direitos e de capacitações; e desafiar as relações de poder existentes. O nome dessa performance é “Agora eu posso”.

Olívia é uma personagem que interliga o transtorno mental decorrente da violência de gênero e aspectos da luta antimanicomial. Ela é embasada em relatos de mulheres do interior da Paraíba que eram violentadas e abusadas sexualmente por familiares, engravidavam e tinham seus filhos levados para longe ou perdiam os filhos devido os espancamentos, sendo definidas como “loucas”.

A terceira personagem encenada por Maria Betânia, Margarida, vive cárcere privado e é frequentemente estuprada e torturada pelo marido. A personagem vivência experiências de violência física extrema. O curta traz também, cenas da marcha organizada em março deste ano pelos movimentos de mulheres em virtude do dia internacional de luta das mulheres, além de depoimentos de Betânia sobre a liberdade sexual e ser mulher.

“Nem tudo são flores” têm o intuito de chamar atenção à diferentes histórias de mulheres em situação de violência, afinal, a cada 24 segundos uma mulher sofre violência. (TELES, 2013. p. 08). No curta adentram cenas da marcha feminista, essas imagens têm objetivo motivacional de difusão da sororidade e enfatizar a importância das reflexões e das mobilizações feministas em defesa da vida das mulheres.

## **1. TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO**

Vivemos um tempo que coisas primárias precisam ser conquistadas com certa urgência. A busca pela igualdade de gênero ainda é uma luta diária, dados do Mapa da Violência de 2015 apontam que entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762, incremento de 21,0% na década. Essas 4.762 mortes em 2013 representam 13 homicídios femininos diários (WAISELFISZ, 2015. p. 02).

Santos e Izumino (2005, p. 150) definem, com base nas palavras de Heleieth Saffioti, que “o patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração”. Conforme salienta a autora, o principal beneficiado do patriarcado-capitalismo-racismo é o homem, rico, branco e

adulto. A violência contra as mulheres resulta de uma socialização machista, a autora define as mulheres como “sujeito” dentro de uma relação desigual de poder com os homens.

Por sua vez, Maria Filomena Gregori defende que a libertação da mulher depende de sua conscientização enquanto sujeito autônomo e independente do homem, o que poderá ser alcançado através de práticas de conscientização feminista. Assim, não podemos compreender a violência de gênero como algo que acontece fora das relações de poder. (SANTOS; IZUMINO, 2005, p 152.).

A partir desses fatos, “é importante considerar os estudos sobre violência contra as mulheres no Brasil têm feito importantes contribuições empíricas e teóricas para a visibilidade e compreensão desse fenômeno” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p 159.) Diante disso, podemos determinar a relevância da necessidade de ampliação desse tema a título de trazer visibilidade para esta questão.

## **2. A PERSONAGEM E O PAPEL DA PERFORMANCE**

Maria Betânia Pimenta tem 45 anos, nasceu em Sousa, Paraíba. Após a morte de sua mãe, durante a adolescência, se tornou noviça, na ordem das Carmelitas, mas não se prolongou. Em seguida, teve contato com o Circo e o Teatro de sua cidade, criando um vínculo forte com a arte e com a cultura popular que se estende até hoje. Ao conhecer seu futuro marido João Batista, Betânia se muda para João Pessoa, e forma-se Artes Cênicas pela Universidade Federal da Paraíba.

A protagonista se intitula bruxa e feminista, durante nove anos atuou como médium na casa da Vovozinha no Centro de João Pessoa. Atualmente Betânia atua como educadora no Centro de Referência da Mulher, estagiária da Coordenação de Educação Popular, faz trabalhos voluntários no Equilíbrio do Ser como Terapeuta Floral e participa ativamente de atividades holísticas como o Sagrado Feminino e a Ciranda da Deusa.

Em 2006, com o surgimento da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06), Betânia cria a personagem Goreti que também se apresentaria no formato de performance. Segundo Renato Cohen a performance passa pela chamada arte corporal (ou *body art*), em que o artista é sujeito e objeto de sua arte, o artista transforma-se em atuante, agindo como um performer (artista cênico). “Soma-se a isto o fato de que, tanto a nível de conceito quanto a nível de prática, a

performance advém de artistas plásticos e não de artistas oriundos do teatro.” (COHEN, 2007, p. 30)

Nenhuma apresentação pode ser vista isolada do seu contexto, pois essa manifestação guarda forte associação com seu meio cultural. De acordo com Jorge Glusberg (2009, p.71), “as performances trabalham com todos os canais de percepção, isso se dando, tanto de forma alternada, quanto simultânea. Elas são construídas sobre experiências tácteis, motoras, acústicas, cinestésicas e, particularmente, visuais”.

As apresentações das personagens são feitas em qualquer lugar que venha a gerar debate ou reflexão das pessoas que as assistem. Greiner (2005, p. 130) destaca que: “já a alguns anos o ‘onde’ deixou de ser apenas o lugar em que o artista se apresenta, transformando-se em um parceiro ativo dos produtos cênicos. Ao invés de lugar, o onde tornou-se uma espécie de ambiente contextual”.

A informação, na performance, é passada através do seu corpo. “O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com essa noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida” (GREINER, 2005, p. 131).

Os percursos históricos da performance artística e dos movimentos feministas têm estado profundamente interligados. Além de unir esses dois aspectos em suas apresentações, Betânia consegue conduzir uma variedade de expectadores por expor o conteúdo de forma didática através de uma linguagem acessível e popular.

### 3. ROTEIRO E ESTÉTICA

Para o Nem tudo são flores foi pensado uma abordagem que facilitasse o engajamento direto no cotidiano da personagem com intuito de adentrar sem interferir diretamente no universo da protagonista Maria Bethânia.

No roteiro, foram pensados três blocos para cada personagem, e mais dois blocos que iriam conter os planos *talking heads*<sup>3</sup> de Betânia (como ela mesma) com intuito de apresentar

---

<sup>3</sup> “a chamada estética dos *talking heads* (cabeças falantes), expressão segundo a qual os estadunidenses designam os primeiros planos dos apresentadores de televisão. Segundo Arlindo Machado (1995, p. 49-50), a *talking head* ‘fala diretamente ao espectador, crava-lhe os olhos, pressupõe a sua presença’ (Araujo, 2013, p.237)

e aproximar o espectador da idealizadora dessas *performances* e o outro bloco conteria (a) marcha que traria dinâmica ao filme. A escrita desse roteiro detalhado, cena a cena, torna-se difícil nesse documentário decorrente da forma de tratamento escolhida para a abordagem do assunto e agenda da protagonista.

O foco do documentário é no discurso, a narrativa se mostra através das falas de Betânia. O espectador é guiado até suas personagens, enquanto a mesma fala sobre o que inspirou a história de cada uma delas. A temática principal é centrada violência de gênero mostrada através dessas apresentações, mas Betânia é a única personagem que conta essa história, assumi-la como protagonista é eticamente fundamental para a melhor compreensão do conteúdo como registro documental.

É através da representação que o documentário se engaja no mundo, e neles encontramos histórias, argumentos ou descrições que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. Esse documentário tem o objetivo de representar principalmente as mulheres. Bill Nichols diz que “ a crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível. ” (NICHOLS, 2005, p.28)

Nem tudo são flores têm uma lógica informativa e didática, para que possa ser compreendido por mulheres com qualquer grau de escolaridade. O objetivo é despertar o empoderamento além de ser um registro de reflexão sobre as condições femininas na atualidade.

Filmes como *Iluminados* (dirigido por Cristina Leal, em 2007) e *Cinematografia* (dirigido por Gabriel Barros, em 2008) fizeram parte de uma formação didática que ajudaram a pensar e estruturar as gravações.

No que diz respeito a desenvolver uma visão intimista e minimalista sobre adentrar a intimidade de alguém, o filme “O céu sobre os ombros” de Sérgio Barros (2011) foi um grande professor, o longa gira em torno de três personagens, contendo também uma professora transexual.

Eduardo Coutinho é certamente uma referência central por ser um dos melhores cineastas brasileiros. Seus filmes devem fazer parte da formação de qualquer brasileiro (ou não) que queira se aventurar em fazer um documentário.

Foi buscado referências filmográficas que contivessem presenças femininas. Elizabete Teixeira de Cabra Marcado para *Morrer* (Eduardo Coutinho, 1984), é uma

---

trabalhadora rural, e ativista. A duração desejada para o filme “Nem tudo são flores” era entre os 15, 20 minutos e os filmes de Coutinho possuem uma duração que excedia o que era buscado. Então foi buscado “O diário de Marcia” (Bertrand Lira, 2011) com duração de 19 minutos e 47 segundos, o filme conta a história de Marcia a partir de uma perspectiva de superação de uma mulher trans, e suas reflexões sobre o trabalho e a vida.

O trecho de fala de Margarida Maria Alves<sup>4</sup> do filme “Uma questão de terra” (Manfredo Caldas, 1988) serviu inspiração para esse filme, assim como o documentário Dona Helena, sobre a violeira Helena Meirelles (Dainara Toffoli, 2006) essas mulheres que são ícones de luta e liberdade inspiraram esse filme do começo ao fim.

#### 4. GRAVAÇÕES

As gravações tiveram duração de sete dias, com início no dia 8 de março se prolongando até 3 de abril. Na direção de fotografia houve uma parceria com Milena Medeiros (que também disponibilizou suas câmeras e tripés). Foi utilizada por Jéssica Magliano a D5100 e por Milena uma Nikon D7100 com as lentes 50mm, 35mm e 18 - 105mm.

Para Guy Gauthier (2011, p.133) a filmagem é o momento decisivo para o documentário:

Ela não garante a qualidade de um filme, mas garante, ao menos, a autenticidade de sua relação com o real. Ela não garante o real, mas dá conta de uma vontade de aceder a ele. Ela não é fuga do imaginário que se insinua a todo momento, na escolha de uma tomada ou no enquadramento de um plano, ela é controle de um imaginário que o cinema romanesco acabou impondo como um substituto da realidade.

A escolha da personagem afetou diretamente nas escolhas estéticas, Betânia tem uma agenda bastante cheia e imprevisível, muitas vezes, as notificações das apresentações, eram repassadas com poucas horas de antecedência. A personagem e a dinâmica de suas apresentações exigiam mobilidade nas filmagens. Passando a ser indispensável uma câmera na mão. O intuito seria retratar toda a intensidade da personagem evitando enclausurá-la em planos fechados.

---

<sup>4</sup> Margarida Maria Alves (Alagoa Grande, 5 de agosto de 1933 — Alagoa Grande, 12 de agosto de 1983) foi uma sindicalista e defensora dos direitos humanos brasileira. Durante o período em que esteve à frente do sindicato local de sua cidade, foi responsável por mais de cem ações trabalhistas na justiça do trabalho regional, tendo sido a primeira mulher a lutar pelos direitos trabalhistas no estado da Paraíba durante a ditadura militar.

## 5. MONTAGEM

As edições iniciaram no dia 4 de abril em dias alternados durou até 23 de maio. Abraão Bahia Lima teve uma participação assídua e ativa em todo processo da montagem, que aconteceu pela madrugada. Foram utilizados um laptop um Dell Inspiron 14, processador core i3, com 4 GB de RAM, 500 GB de HD, e um Mac Book Dual Core, com 3 GB RAM, 75GB de HD, ambos sem placa processamento dedicado de vídeo e o software foi o Adobe Primeire CS 5.5. Por não possuir dispositivos adequados nosso processo foi extremamente precário e artesanal, assim como todas as outras etapas desse TCC.

Foi feita uma decupagem das imagens separadas em minutos, cortadas e organizadas numa sequência que segue a lógica dos blocos definidos no roteiro que rendeu aproximadamente vinte e sete minutos. Os arquivos do gravador H4N (cedido por Bruno Alves, dois dias antes de terminarem as gravações), juntamente com o áudio direto da câmera foram cortados também. Foi optado por desenvolver primeiramente a montagem do som, uma vez desenvolvida a linha do discurso em som foram iniciados os cortes dos blocos de cada personagem e da marcha. Em seguida, foram definidos os planos de Betânia que seriam usados sem cobertura de imagem.

Nichols (2005, p. 56) aponta que: “podemos supor que aquilo que a continuidade consegue na ficção é obtido no documentário pela história: as situações estão relacionadas no tempo e no espaço em virtude não da montagem, mas de suas ligações reais, históricas. A montagem no documentário procura mostrar essas ligações. ”. Evitar filmagens com ‘cabeças flutuantes (ou *talking heads*) foi uma escolha com intuito de conduzir o expectador e manter a dinâmica narrativa com planos detalhes ou sequências de movimento que favorecessem as transições entre os blocos de modo que o filme passasse a mesma atmosfera do cotidiano da personagem.

A trilha sonora foi utilizada com intuito de suavizar algumas transições e também como instrumento de persuasão. “Costumamos avaliar a organização de um documentário pelo poder de persuasão ou convencimento de suas representações e não pela plausibilidade ou pelo fascínio de suas fabricações. Muito desse poder de persuasão vem da trilha sonora”

(NICHOLS, 2005, p. 59). Todos os arquivos da trilha sonora foram baixados em bancos de dados de som na internet<sup>5</sup>.

A precariedade de produção impediu que algumas coisas fossem desenvolvidas da forma e no tempo desejado. A finalização de som e cor ocorreu de forma problemática tendo em vista os equipamentos disponíveis e as condições de trabalho (não só na finalização, mas em todo o processo) mas talvez esse mesmo aspecto tenha fornecido uma certa liberdade necessária para o processo criativo. Esse filme é acima de tudo um processo de construção, esse projeto foi composto de intenção, de encontros e compartilhamentos – e não de roteiro e realização, (e recursos financeiros) como prevê a lógica industrial. (MIGLIRON, 2013).

## 6. ARTE CONCEITUAL

A arte de divulgação do “Nem tudo são flores” foi desenvolvida pela *designer* Krysna Nóbrega, após assistir algumas cenas do filme inacabado. Foi realizada uma reunião para desenvolver um *brainstorm*. Krysna apresentou a ideia de uma mão esmagando flores. Era necessário, então, que fosse a mão de uma mulher para que compactuasse com toda a atmosfera do filme.

Em parceria foram pensados aspectos semióticos a respeito dessa mesma mão. Era desejado uma mão ‘neutra’, que não fosse branca, nem preta, que não se representasse apenas padrões femininos ou masculinos, mas que ainda assim fosse a mão de uma mulher. O fundo preto deveria relatar a intensidade e obscuridade do tema central. A partir disso foi realizado um ensaio fotográfico em meados de maio, novamente em parceria. A partir das imagens realizadas, foram efetuadas edições para que a arte servisse ao propósito da capa do DVD do filme.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.jamendo.com/> Acesso em: 25 de abril 2016

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Filmes de representação social ou documentários nos dão a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. São veículos de ação, de intervenção e de conhecimento. Nichols (2005, p. 30) diz que “os documentários podem representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente”.

Dessa forma, esse trabalho advoga essa causa devido a necessidade de apresentar e difundir um discurso que preza pela vida das mulheres. Pois, assim como as performances desenvolvidas por Maria Betânia, esse documentário tem o intuito de empoderar as mulheres. Tal objetivo se insere dentro de um contexto que incentiva as mulheres a reivindicarem seus direitos, e sobretudo o direito ao próprio corpo, a liberdade e a segurança.

Algumas atitudes agressivas ainda não são vistas como violência e possuem urgência em serem notadas como tal. O “Nem tudo são flores” têm intenção de revelar a todos os gêneros as intensas marcas da violência física e simbólica sobre a mulher que buscam manter determinada ordem social, patriarcal, a qual coloca as mulheres em um patamar de inferioridade na hierarquia social.

Esse filme têm o intuito de desvelar a violência diária exercida e alcançar o máximo de mulheres possível. Logo, será disponibilizado na internet, meio mais democrático. Serão também buscados espaços de exibição em a TVs públicas e educativas, como a TV UFPB. Além disso, será inscrito em festivais relacionados ao tema e também levado à cineclubes diversos.

Fazer um filme é um processo de desapego e flexibilidade. Nesse trabalho foi compreendido que, mesmo com planejamento, o fator da adaptabilidade é muito importante. “Nem tudo são flores” passou por vários processos de mudança desde que foi idealizado. Enquanto ideia possuía uma estrutura, durante a gravação e a montagem, ao se deparar com a realidade de produção e condições matérias o filme foi adquirindo outra forma adaptada ao possível.

Independente das adaptações ocorridas o mais importante é que se manteve a ideologia central do curta de alavancar discussões sobre a violência de gênero, estimulada através dos segmentos performáticos da personagem. Esse filme tem a intenção de alcançar as pessoas

com intuito de expandir essa discussão. Enquanto esse tipo de violência existir, é imperativo que um discurso que preza pela vida das mulheres continue sendo difundido e debatido.

## 9. REFERENCIAS

ALVES, Simone. **Saberes das mulheres veteranas na economia solidária: sororidade a outra educação.** Porto Alegre, 2014. Tese. Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio grande do sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104457/000939866.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 23 de abril 2016

ARAÚJO, Juliano. Comunicação audiovisual, regimes audiovisual de sentido e presença: um estudo do formato telejornal. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 12, n. 23, 2013. p. 237.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem:** Criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007

CORTEZ ,Mirian. SOUZA, Lídio. **Mulheres (in)Subordinadas:** o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 24 n. 2, 2008, pp. 171-180.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: Um outro cinema**, Campinas: Papyrus, 2011.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**, São Paulo: Perspectiva, 2009.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e Queixas: Um estudo sobre Mulheres, Relações Violentas e a Prática Feminista.** São Paulo: Paz e Terra, 1993

GREINER, Christine. **O corpo:** pistas para estudos indisciplinares. São Paulo: Anna Blume, 2005.

MIGLIORIN, Cezar, “Por um cinema pós-industrial”. **Revista Cinemática**, Fev. 2011. Disponível em: <<http://www.revistacinetica.com.br/cinemaposindustrial.htm>>. Acesso em: 10 abril 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**, Campinas: Papyrus, 2005.

PINTO, Céli Regina. Feminismo, História e Poder. **Revista Sociologia Política**. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

SANTOS, Cecília. IZUMINO, Wânia. Violência contra as mulheres e violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **Revista E.I.A.L. Estudos Interdisciplinares de América Latina y El Caribe**, Universidade de Tel Aviv, 2005

TELES, Maria Amélia, *in* **Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher**. Instituto Avon/Data Popular. Disponível em <<http://centralmulheres.com.br/data/avon/Pesquisa-Avon-Datapopular-2013.pdf>> Acesso 22/05/2015.

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Disponível em <[http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/pesquisas-e-publicacoes/mapaviolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/pesquisas-e-publicacoes/mapaviolencia_2015_mulheres.pdf)> Acesso em 22/05/2016